

**OBSERVAÇÕES ACERCA DE INTERAÇÃO, GÊNERO  
TEXTUAL E PLANO DE TEXTO EM CARTAS PESSOAIS/  
*REMARKS ABOUT INTERACTION, GENRE TEXTUAL  
AND TEXT PLANIN PERSONAL LETTERS***

*Marise Adriana Mamede Galvão\**

**Resumo:** Este artigo apresenta uma discussão sobre interação, gênero textual e plano de texto em cartas pessoais, a partir de perspectivas textuais e interacionais. Tomam-se como referência as noções de interação verbal, gênero textual e plano de texto, objetivando-se descrever, analisar e interpretar evidências linguísticas e textuais em cartas pessoais. Elegeu-se como *corpus* de investigação uma carta escrita por Luis da Câmara Cascudo, endereçada a Mário de Andrade, selecionada de um conjunto de correspondências reunidas em um volume sob o título *Câmara Cascudo e Mário de Andrade, Cartas, 1924-1944*. Seguiu-se uma abordagem qualitativa de investigação, centrando a atenção nas práticas sociais usadas por interactantes, a fim de cumprir objetivos específicos por meio de cartas. Assim, refletiu-se sobre esse objeto como uma forma de sociabilidade e envolvimento entre as pessoas, que selecionam um gênero na interação e constroem textos por meio de planos de fixos e ocasionais.

---

\* Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Currais Novos/ Natal, Brasil; marisemamede@gmail.com

**Palavras-chave:** interação; gênero textual; plano de texto; cartas pessoais.

***Abstract:** This article presents a discussion concerning interaction, genre and text plan in personal letters from textual and interactional perspectives. The study is based on notions of verbal interaction, genre, and text plan, aiming to describe, analyze and interpret linguistic and textual evidences through personal letters. The research corpus is comprised of a letter written by Luis da Câmara Cascudo, addressed to Mário de Andrade, selected from a set of correspondences gathered into one volume under the title *Cascudo and Mário de Andrade, Letters, 1924-1944*. This study is carried out using a qualitative approach, focusing on social practices used by interactants to achieve specific goals through letters. Thus, reflections on this object have highlighted it as a form of sociability and involvement among people who use a genre in interactions and construct texts through fixed and occasional plans.*

***Keywords:** Interaction, Textual Genre; Text Plan; Personal Letters.*

## **Introdução**

Neste trabalho, fazemos uma reflexão sobre ocorrências constitutivas da escritura de cartas, partindo de uma compreensão de que a “troca de cartas” é uma forma de manifestação da sociabilidade dos indivíduos.

Embora reconheçamos que a escritura de cartas vem sendo substituída por e-mails, entre outras possibilidades velozes e eficazes de comunicação, essa forma de interação milenar, propiciou, ao longo do tempo, a aproximação entre pessoas distantes, que podiam “conversar”, estabelecendo um lugar de interesses mútuos.

Numa perspectiva qualitativa de trabalho, propomos, nesta investigação, discutir sobre cartas pessoais, tendo como embasamento teórico as noções de interação verbal, gênero textual, seguindo-se de uma incursão no postulado de

Adam (2011) sobre plano de texto. Nessa direção, adotamos discussões teóricas de alguns autores que se inscrevem em posturas textuais e interacionais, entre estes, Marcuschi (2008), Bazerman (2005), V. L. P. Silva (1997), J. Q. G. Silva (2002), além de buscarmos alguns conceitos apresentados por Adam (2011).

Para tanto, selecionamos como objeto de investigação, uma carta escrita por Luis da Câmara Cascudo, destinada a Mário de Andrade, integrante da obra publicada pela Editora Global, que reúne cartas dos dois escritores brasileiros.

## 1 Considerações teóricas

### 1.1 Interação

J. Q. G. Silva (2002) desenvolveu uma tese de doutoramento sobre cartas pessoais, tendo refletido, entre outras questões, sobre as relações interpessoais que se efetivam nos processos de socialização e sociabilidade dos indivíduos. Nesse trabalho, a autora chama a atenção para alguns estudos que embasaram sua investigação, dentre os quais destacamos os de Dell Hymes (1972), Goffman (1974), Gumperz e Hymes (1974). A pesquisadora reconhece que o conceito de interação é utilizado por esses autores para definir eventos realizados face a face, com a participação conjunta de interlocutores, por meio de estratégias textuais, linguísticas, cognitivas e interativas.

Nessa discussão, ela salienta que

Tanto Goffman, como Hymes jamais perderam de vista ou excluíram de suas reflexões uma noção mais larga de interação, que pode ser assim traduzida: toda e qualquer atividade discursiva, atualizada a distância ou *in praesentia* se constitui num quadro interacional, regido por regras e normas pragmáticas, adequadas à situação comunicativa (SILVA, J. Q. G., 2002, p22).

Nesse sentido, a noção de interação se define com base em trocas comunicativas entre as pessoas, o que vai na direção do que Hymes (1974, p. 31) salienta: “uma teoria da interação da língua e vida social deve envolver as relações entre meios linguísticos e significados sociais”. Assim sendo, compreendemos que a interação por meio de cartas se realiza a partir de um foco comum estabelecido que se efetiva quando as pessoas assumem papéis definidos socialmente em uma situação determinada.

Em suas reflexões sobre a interação, Marcuschi (1998) explica que o ser humano interage com seus semelhantes de maneira ordenada, perspectivando atuar de forma coordenada por meio da língua. Assim sendo, em situações de interação, as pessoas deixam transparecer intenções, constroem sentidos e partilham realidades sociais. Como mencionam Eggins e Slade (1997, p. 6), “interagir é uma atividade semântica, um processo de produzir significados”. As autoras defendem que a partilha de significados envolve tarefas pragmáticas com objetivos vários, das mais simples às mais complexas, dentre as quais estão as que podemos observar em cartas: informar, solicitar, reivindicar, enfim, participar de atividades práticas que envolvem o outro.

Tais considerações nos levam à compreensão de que escrever cartas é uma forma de interação da qual participam interlocutores distanciados no tempo e espaço. Nesse movimento de trocas comunicativas, envolvendo a escritura e a leitura, estabelece-se um lugar de mútua compreensão, mediante a partilha de conhecimentos, crenças, pontos de vista etc.

Acerca da questão das relações sociais efetivadas nas interações, J. Q. G. Silva (2002, p. 26) faz referências aos estudos de Vion (1992), afirmando que: “a nossa história interacional é constituída pela totalidade das interações das quais efetivamente participamos [...]” tanto no papel de produtores, quanto no papel de ouvintes, leitores de uma variedade de textos em gêneros diferenciados e em situações sociais diversas. Assim sendo, para J. Q. G. Silva (2002), as relações estabelecidas na carta pessoal cumprem necessidades comunicativas da sociedade, no espaço privado. Essas necessidades se ligam, de algum modo, aos objetivos de *construção*, *preservação* e *consolidação* de relações de amizade, a partir do intercâmbio de pessoas em lugares distintos.

Ao discutir sobre cartas da administração privada e cartas particulares, Brandão *et al* (2009, p. 705) mencionam que estas se popularizaram, em razão da necessidade de estabelecer contatos, principalmente no âmbito familiar e entre amigos. Com isso, criou-se uma tradição discursiva e a carta “passa a exercer a função de correspondência privada entre amigos e parentes [...]”. Assim, na escritura de cartas, as pessoas assumem papéis circunstanciais de remetente e destinatário imbricados numa prática que se estabelece em idas e vindas desses textos.

Discutindo acerca de interação, Kerbrat-Orecchioni (2006) propõe uma tipologia, partindo dos seguintes critérios: *um quadro espaço-temporal*, que define a natureza do lugar; *o número e a natureza dos participantes*, com relação aos estatutos e respectivos papéis, considerando o contrato que assegura a manu-

tenção conjunta destes; *o objetivo da interação*, além do *estilo* predominante e do *grau de formalidade* que caracteriza o evento.

Estabelecemos um diálogo entre os propósitos de Kerbrat-Orecchioni (2006), as considerações de Brandão *et al* (2009) e a proposta de J. Q. G. Silva (2002), reconhecendo que a carta pessoal é uma “produção de linguagem, socialmente situada, que engendra uma forma de interação particular” (J. Q. G. Silva, 2002, p.80). Isso implica a observação de formas de interação na sociedade, incluindo-se as relações interpessoais de indivíduos em situações variadas.

## 1.2 Gênero textual

Entre os autores que se propõem a estudar o gênero, adotando as terminologias discursivas ou textuais, o postulado bakhtiniano é o ponto de partida utilizado pela grande maioria, a saber: “A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

As considerações do autor nos permitem compreender que os gêneros do discurso são constituídos em circunstâncias enunciativas nas esferas sociais; o conteúdo temático, os recursos linguísticos (lexicais, gramaticais, fraseológicos) e a sua composição (aspectos relativos à estrutura) são articulados nas interações, constituindo as formas genéricas e relativamente estáveis por meio das quais os discursos se manifestam.

Essa dimensão das atividades humanas – conforme Bakhtin – vai ao encontro de Marcuschi (2008), quando o linguista brasileiro explica que é impossível abordar gênero fora de sua realidade social e da relação com as atividades humanas. Para o autor, a noção de gênero é ligada ao envolvimento social, e, nesse sentido, defende que é “impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Essa afirmação indica que dominamos formas linguísticas a fim de alcançar determinados objetivos nas várias situações sociais por nós experimentadas. Assim, compreendemos como devemos proceder para produzir um relatório de pesquisa, uma dissertação, uma lista de compras, uma carta, ou mesmo outros gêneros que surgiram ou se transformaram com os avanços da tecnologia.

Na visão de Bazerman (2005), percebemos quando um texto funciona bem em uma determinada situação e quando seguimos padrões comunicativos

não reconhecidos facilmente pelas pessoas. Essas “formas de comunicação reconhecí-veis e auto-reforçadoras emergem como *gêneros*” (BAZERMAN, 2005, p. 29). Ademais, o autor chama a atenção para as mudanças que ocorrem no conhecimento ao longo do tempo. Segundo ele, os gêneros mudam, tendo em vista que são partes de processos de atividades emergentes organizadas socialmente pelas pessoas, na partilha de significados, por seus propósitos práticos.

Nessa direção, ressaltamos a postura teórica adotada por Marcuschi (2008), compreendendo que os textos são materializados em situações comunicativas e que os gêneros textuais “são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados [...]” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Dessa forma, gênero textual é uma entidade empírica usada em situação de comunicação. As pessoas interagem em eventos concretos, reais, assumindo papéis comunicativos e posições sociais, conforme assegura J. Q. G. Silva (2002), ao se reportar à noção de gênero e ao funcionamento de textos em eventos comunicativos.

### 1.3 Gênero carta pessoal

Em nossas práticas cotidianas ao longo do tempo, a carta tem sido usada com objetivos dos mais variados, como, por exemplo, relatar ocorrências da vida diária, tornando possível às pessoas manterem relações de amizade. Assim, trata-se de um gênero concretizado na interlocução humana, fato que condiciona as escolhas lexicais, formais e temáticas dos interactantes.

De forma mais específica, dentro dos nossos propósitos, a discussão de V. L. P. Silva (1997) nos esclarece algumas questões quando pesquisamos sobre aspectos de cartas pessoais. A autora expressa seu ponto de vista em relação à carta, estabelecendo, durante a discussão, uma classificação:

de fato o rótulo **carta** é abrangente e pouco esclarecedor: excetuando-se o formato externo – cabeçalho, data, assinatura – e algumas expressões formulaicas frequentes em suas seções iniciais e finais, o corpo da carta

permite qualquer tipo de comunicação: desde as vantagens de um determinado cartão de crédito até informações sobre o condomínio, passando pelas esperadas novidades do amigo que mora no exterior. Todas são cartas, mas não devemos colocá-la na mesma categoria (SILVA, V. L. P., 1997, p. 121).

V. L. P. Silva (1997), a partir dessa formulação, ressalta que, em uma classificação de cartas, observando o propósito comunicativo, reconhecemos a intenção de quem escreve, de modo que as cartas pessoais cumprem propósitos: de convidar, agradecer, pedir desculpas, informações e conselhos. Comumente, há ocorrências de sobreposições de propósitos, entre eles o de informar sobre a vida cotidiana e reclamar pela falta de notícias do outro, sendo que algum destes pode se destacar como predominante. No entanto, a autora destaca que, na carta pessoal, a interação, resultante do envolvimento entre os interlocutores, reveste-se de extrema importância. Assim, quem escreve pode se valer de estratégias que dão a quem lê a impressão de uma interação face a face.

No trabalho intitulado *Cartas da administração privada e cartas particulares: estudo da organização discursiva*, Brandão, Andrade e Aquino (2009) focalizam as categorias pragmático-discursivas do gênero carta e explicitam que puderam localizar, nos dados analisados, “cartas em que se destacam maior ou menor grau de cumplicidade, de afetividade, de expressividade entre outros” (BRANDÃO; ANDRADE; AQUINO, 2009, p. 707). Essas categorias do gênero carta têm como base o quadro elaborado por Simões<sup>1</sup> (2007, p. 182), a partir do qual as pesquisadoras apresentam suas formulações, como mostramos a seguir:

---

<sup>1</sup> No trabalho de 2009 (p. 487), Simões e Kewitz se referem às categorias comunicativo-pragmáticas da língua escrita, propostas em Simões e Kewitz (2005), com base na sugestão de Henne e Rehbock (1982) e Allwood (1976), para a análise da língua falada, a saber: grau de publicidade, grau de simetria entre os escritores, fixidez temática, dimensões da ação comunicativa (Comandar, ordenar, forçar, acusar [...]) grau de planejamento do texto (registro/níveis de fala).

**Quadro 1 – Categorias pragmático-discursivas das cartas**

i Grau de exposição	Pública Privada	<i>Administração, Jornalística Administrativa, familiar, entre amigos</i>
ii Grau de concentração Tópica	> concentração centração < concentração	Controlado Semicontrolado Livre (popular)
iii Grau de planejamento e registro textual	Planejado Relativamente planejado Relativamente não planejado	Controlado Semicontrolado Livre (popular)
vi Grau de relação de poder e cumplicidade	Descendente Horizontal Ascendente	Distância Proximidade
v Dimensões da ação discursiva	Sequências	Abertura Narrativa Descritiva Explicativa Explicativa Argumentativa Injuntiva Dialogal Fechamento

Fonte: Brandão, Andrade e Aquino, 2009, p. 706.

Quanto à configuração, as cartas comportam elementos fixos, contextualizadores<sup>2</sup>, a saber: local de procedência e data, assinatura e um elemento alternativo, o *post scriptum*, identificado como PS. As autoras (BRANDÃO; ANDRADE; AQUINO, 2009, p. 707) sistematizam, em um quadro, as seguintes seções<sup>3</sup> da carta: local e data, endereçamento, abertura, desenvolvimento (sequências), fechamento, assinatura e *post scriptum*. Porém, sabemos que, nem sempre, as cartas apresentam todas as seções, fato que pode estar relacionado às situações mais ou menos simétricas entre os interlocutores, revelando graus de maior ou menor proximidade e, conseqüentemente, graus diferenciados de registro e de planejamento

<sup>2</sup> Marcuschi (2009) apresenta um esquema geral provisório das categorias textuais. Nesse esquema, o autor explicita os fatores de contextualização: contextualizadores (assinatura, localização, data e elementos gráficos) e perspectivais (título, início e autor).

<sup>3</sup> O termo designa as partes de cartas.



textual. Por exemplo, é possível identificar uma carta pessoal sem o local de procedência indicado, ou, quando aparece, vem com a indicação deslocada. Também há cartas pessoais sem um ritual de fechamento. Em contrapartida, quando se trata do uso do vocativo, a ausência parece ser menos frequente.

Ao abordar a estrutura composicional da carta, J. Q. G. Silva (2002, p. 133) ressalta:

À época, como ainda hoje, as cartas sustentam-se basicamente em três grandes etapas, quais sejam: abertura do evento, espaço que se instaura o contato e a interlocução com o destinatário, que corresponde ao *exórdio*; o corpo da carta, desenvolvimento do objeto do discurso, *o narrativo* e, por fim, o encerramento do contato, da interlocução; a conclusão.

Após essas considerações, discutiremos sobre plano de texto, para podermos cumprir o objetivo a que nos propomos.

### 1.3 Plano de texto

Buscamos, nesta seção, estabelecer um diálogo com as proposições de Adam (2011), buscando compreender como se materializa um plano de texto. O autor salienta: “o reconhecimento de um texto como um todo, passa pela percepção de um plano de texto com suas partes constituídas, ou não, por sequências identificáveis” (ADAM, 2011, p. 256). Tal visão é explicitada no sentido de que percebemos uma estrutura sequencial, com partes compreendidas de forma sintética no conjunto que é formado. Nesse sentido, Adam esclarece que duas operações tornam o texto um todo configurado, são elas: a unidade temática e a unidade ilocucionária, as quais estão relacionadas com a coerência semântica e a coerência pragmática. Ademais, Adam (2008) ressalta que junto com os gêneros, os planos de texto estão “disponíveis no sistema de conhecimentos dos grupos sociais” (2008, p. 258).

A discussão de Adam (2011) salienta o papel de fundamental importância dos planos de texto na composição da estrutura macro do sentido, o que implica a percepção do todo ou de uma parte do texto. A questão aqui posta pelo pesquisador diz respeito ao que, na retórica clássica, corresponde à ordenação dos argumentos, compreendendo um exórdio – parte que objetiva despertar o interesse do auditório; a proposição – causa ou tese resumida do discurso, com a divisão – anúncio do plano. O desenvolvimento compreende a confirmação

(que prova a verdade avançada na proposição), podendo ser precedida por uma exposição dos fatos, que é a narração, seguida por uma refutação (rejeição de argumentos contrários); a peroração diz respeito à conclusão que comove o auditório. Ressalta o autor que os planos de texto possibilitam construir sua organização global na produção e reconstrução na leitura/escuta.

Porém, Adam chama atenção para o fato de que o modelo retórico não dá conta da variedade de planos de textos, já que eles podem ser estruturados de formas flexíveis, como é possível observar em um poema, em uma canção, um editorial, entre outros. Sob esse aspecto, o autor menciona que os planos de texto podem ser fixos ou ocasionais, sendo que o primeiro é “fixado pelo estado histórico de um gênero (coerções) ou subgênero do discurso” (ADAM, 2011, p. 258). O ocasional, por sua vez, é deslocado em relação ao gênero ou subgênero.

Como exemplo dessa reflexão, Adam (2008, p. 257-259) analisa a carta de Corneille a Colbert, na qual faz referências às constantes composicionais que identificou. Na análise, ressalta que podemos hesitar na identificação de cinco ou três grandes unidades, a saber: o contato inicial com o destinatário, a apresentação e o desenvolvimento do objeto de discurso, o final do contato (conclusão). Os marcos iniciais e finais podem se desdobrar em zonas fronteiriças de abertura e de fechamento, como acontece nos diálogos conversacionais. Há os elementos fáticos de abertura e de fechamento e o que ele denomina de segmentos transacionais no corpo da carta.

A despeito da observação de Adam (2011), ressaltamos a investigação de Juliane House (1982) sobre as fases de abertura e de fechamento em diálogos nas línguas inglesa e alemã. A autora se pauta nos estudos de Edmondson (1981) para situar as fases de uma conversação, sendo que essas fases descrevem a estrutura de um encontro:<sup>4</sup> Fase de Abertura (FA), Fase de Negócios (FN), Fase de Fechamento (FF). House comenta que a FA é preparatória para o encontro (FN) e que a FF é sequencial a esta. A autora comenta sobre os rituais fáticos da abertura e do fechamento de encontros.

Conforme Adam, se reconhecemos que há fortes restrições na composição do texto no que se refere à abertura e ao exórdio, na peroração e fechamento, observamos que o corpo da carta é livre e pode ser analisado como um plano de texto ocasional. Assim, ele distingue o plano de texto, base da forma epistolar,

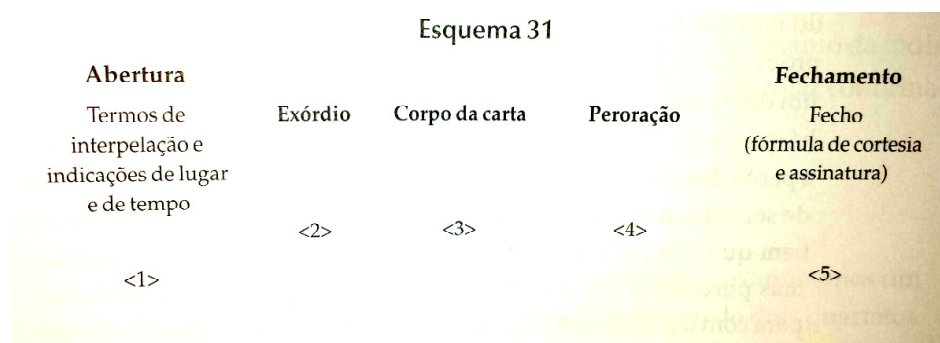
---

<sup>4</sup> Tradução livre. Opening Phase (OP), Business Phase (BP), Closing Phase (CP).

com a seguinte constituição: abertura (1), exórdio (preparação) (2), corpo da carta (3), peroração (conclusão)(4) e fechamento (5). As partes 2 e 4 são zonas discursivas de transição entre introdução-preparação e conclusão-fechamento.

Para uma melhor compreensão sobre o que Adam chama de plano de texto de uma carta, apresentamos, a seguir, o esquema 31 do autor:

**Fig.1**



Fonte: Adam, 2011, p.259

No esquema, é explicitado que a abertura compreende os termos de interpelação e indicações de lugar e tempo. O que o autor define como exórdio não inclui a abertura do evento, conforme J. Q. G. Silva (2002), Brandão, Andrade e Aquino (2009). Assim, decidimos seguir a orientação de Adam (2011) com relação à análise do plano de texto do gênero carta pessoal.

## **2 Análise da carta de Câmara Cascudo a Mário de Andrade**

Inicialmente, transcrevemos integralmente a carta (CASCUDO e ANDRADE, 2010, p. 220), a fim de propiciar ao leitor uma maior clareza na identificação das ocorrências analisadas.

*Mário camaradão*

*Escrevi há dias uma carta muito sibilina<sup>6</sup> para V. Questão de descarga nervosa. Ou falava ou morria... Como vamos de planos de apadrinhamento do Fernando Luís? Dezembro mesmo? Que todas as forças lógicas da vontade empurrem V. para cá.*

*Escute uma coisa: seria possível V. arranjar-me ai um Código de processo civil e comercial de São Paulo? Citam-no aqui com insistência e eu tenho um exemplar pertencente a um colega. Melhor é possuir o dito. Seria possível? Creia que é material de primeira água para os meus esboçados e teimosos trabalhos de foro.*

*Vamos sem novidades. Boato. Boato, boato. Deixe que lhe diga que seu mano Moraes Andrade é um homem com todas as letras e com dois tt. V. podia estar desconfiado disto mas fique certo. O homem é feito em linha reta, obstinado, nítido e claro e com uma coragem que está faltando a 40.000.000 de brasileiros republicanos.*

*Propósito de pergunta: Que há com Juan Pedro Vignale? Germaninha morreu? Que embrulho. V. podia mandar dizer alguma coisa para eu trocar em miúdos com o pessoal de casa?*

*E só. Não esqueça o Código que careço muitíssimo.*

*Abraços deste seu –*

*Cascudinho.*

*23 de outubro de 1931.*

*E o Poética sertaneja? Sai mesmo? Ciao!*

A discussão realizada nos possibilita analisar a carta escrita em “23 de outubro de 1931”, como um exemplo de gênero textual constituído na esfera privada.

Essa carta nos leva a compreender que as relações de poder e cumplicidade estabelecidas deixam visíveis o grau de proximidade entre os dois escritores, que, ao longo do tempo, tornam-se amigos e compadres. Assim, as relações hierárquicas que se estabelecem entre eles são horizontais. Isso se constata, entre outras evidências, nas formas de tratamento usadas na abertura da carta (“Mário Camaradão”) e no fechamento (“abraço deste seu Cascudinho”).

No desenvolvimento da carta, observamos que Cascudo usa um registro coloquial, tratando Mário de Andrade por “Você”, na forma abreviada (“V.”). Desenvolve o tópico de modo informal, talvez por ser não planejado. Para tanto, ele faz perguntas ao interlocutor, como em uma conversa face a face: “Como

vamos de planos de apadrinhamento do Fernando Luís e no pedido de confirmação dessa pergunta, em Dezembro mesmo?”.

Com relação ao plano de texto, os segmentos fáticos de abertura e fechamento, a assinatura e a data revelam as partes da carta organizadas por um plano fixo. No exórdio, observamos referências à carta antes escrita (“sibilina”), ao estado emocional (nervoso) e ao “apadrinhamento de Fernando Luis”, que objetivam registrar a importância da leitura da carta, sendo uma parte de transição entre a etapa inicial e o corpo do texto, conforme o excerto a seguir:

Escrevi há dias uma carta muito sibilina<sup>5</sup> para V. Questão de descarga nervosa. Ou falava ou morria... Como vamos de planos de apadrinhamento do Fernando Luís? Dezembro mesmo? Que todas as forças lógicas da vontade empurrem V. para cá.

No tocante ao corpo da carta, observamos que se trata de um texto ocasional: há uma macrossegmentação (segmentação marcada, mudança de partes) materializada em cada um dos parágrafos. Essa parte pode ser compreendida, do ponto de vista de House (1982), como a fase de negócios, o cerne da interação.

Para a análise do corpo da carta, adotamos as seguintes convenções:

- **Negrito** (para marcar os segmentos do plano);
- *Itálico* (para marcar as perguntas);
- Sublinhado com um traço (para marcar os argumentos);
- Enquadrado (para marcar o pronome você).

Apresentamos o corpo da carta a seguir:

**Escute uma coisa:** *seria possível* V. *arranjar-me ai um Código de processo civil e comercial de São Paulo? Citam-no aqui com insistência e eu tenho um exemplar pertencente a um colega. Melhor é possuir o dito. Seria possível? Creia que é material de primeira água para os meus esboçados e teimosos trabalhos de foro.*

---

<sup>5</sup> chata, grosseira.

**Vamos sem novidades. Boato. Boato, boato. Deixe que lhe diga que seu mano Moraes Andrade é um homem com todas as letras e com dois tt. [V.] podia estar desconfiado disto mas fique certo. O homem é feito em linha reta, obstinado, nítido e claro e com uma coragem que está faltando a 40.000.000 de brasileiros republicanos.**

**Propósito de pergunta:** *Que há com Juan Pedro Vignale? Germaninha morreu? Que embrulho. [V.] podia mandar dizer alguma coisa para eu trocar em miúdos com o pessoal de casa?*

No caso específico desse texto, identificamos que há três segmentos que nitidamente marcam o plano. Observamos que são segmentos que evidenciam a interlocução com o outro, materializados linguisticamente por: “Escute uma coisa” (primeiro segmento); “Vamos sem novidades. Boato. Boato, boato Deixe que lhe diga que” (segundo segmento); “Propósito de pergunta” (terceiro segmento). No caso dos verbos usados no imperativo “escute” e “deixe”, observamos que não funcionam como imposição, ou ordem, mas como pedidos, formas de solicitar a atenção do interlocutor, ocorrências comuns em interações face a face.

No primeiro segmento, após a ocorrência linguística “Escute uma coisa”, observamos que Cascudo faz perguntas, cuja função é solicitar o envio do código de processo civil. Essas solicitações são seguidas dos argumentos: “Citam-no aqui com insistência e eu tenho um exemplar pertencente a um colega. Melhor é possuir o dito”, que têm a função de justificar o pedido ao amigo.

O segundo segmento, marcado pela ocorrência “Vamos sem novidades. Boato. Boato, boato. Deixe que lhe diga que”, é constituído basicamente pelos argumentos “Moraes Andrade é um homem com todas as letras e com dois tt. V. podia estar desconfiado disto mas fique certo. O homem é feito em linha reta, obstinado, nítido e claro e com uma coragem que está faltando a 40.000.000 de brasileiros republicanos”. Os argumentos revelam o ponto de vista acerca de Moraes Andrade, a quem Cascudo nomeia “mano”.

O terceiro segmento inicia não somente com um anúncio de pergunta indireta (“Propósito de pergunta”), mas é constituído pela maior parte delas; também, nesse mesmo segmento, observamos o comentário avaliativo “que embrulho”, o que revela o modo como Cascudo se posiciona em relação à falta de notícias sobre “Juan Pedro Vignale e Germaninha”.

Identificamos também referências ao interlocutor Andrade, no uso do pronome você, de forma abreviada, pontuando os três segmentos do corpo da carta, o que marca uma forma mais espontânea e simétrica de tratar o outro ao qual Cascudo se dirige.

Com relação ao que Adam denomina peroração, que equivale à conclusão da carta, identificamos a expressão “E só”, em: “E só. Não esqueça o Código que careço muitíssimo”. A expressão resume tudo o que o interlocutor deseja para aquele momento, ou seja, tudo o que havia para dizer foi explicitado. Após esse enunciado, observamos que Cascudo retoma o pedido inicial, enfatizando a necessidade de obter o código de processo civil e comercial do estado de São Paulo, um dos motivos da escritura daquela carta.

Uma das constantes composicionais da carta ocorre em seu encerramento/ fechamento, o que compreendemos como o final da interação, materializada pela utilização de elemento fático, como se constata a seguir: “Abraços deste seu. Cascudinho”- encerramento/fechamento (segmento fático).

Após o encerramento da carta, o plano de texto que analisamos nos faz refletir sobre a existência do que chamamos de PS ou *post scriptum*, nesse exemplar. Não se trata de uma constante do plano de texto, do ponto de vista do que é fixado, observando-se as características genéricas. Trata-se de algo ocasional, o que parece uma nova possibilidade de interação que se abre, motivada por algo esquecido durante o desenvolvimento da carta, conforme o excerto a seguir:

PS. *Post scriptum*

E o Poética sertaneja? Sai mesmo? Ciao!

## Considerações finais

Após a discussão realizada ao longo do trabalho, foi possível fazer algumas considerações, que a seguir elencamos.

Inicialmente, compartilhamos o ponto de vista dos autores que compreendem a partilha (troca) de cartas como uma forma de interação, que proporciona a impressão de proximidade entre interlocutores distantes no tempo e espaço. Salientamos, nesse caso, que se trata de uma situação de interação em que o gênero utilizado circula na esfera privada.

Nesse sentido, esse gênero possibilita que os interlocutores cumpram objetivos determinados, a cada vez que se estabelece a prática comunicativa. Nessa interlocução, observamos a materialização de marcas de maior ou menor proximidade, evidenciadas no uso de um registro linguístico específico (mais formal ou mais espontâneo) e um grau de centração que pode ser observado nos tópicos do corpo da carta. Nesse aspecto, é possível que várias questões se tornem objeto de discurso, haja vista as intenções que direcionam os interlocutores para esse ou aquele ponto específico de interesse imediato.

Assim sendo, os objetivos que se estabelecem nesses contatos influenciam a forma de realização de planos de texto, que podem ser fixos ou ocasionais. A despeito do que ocorre em interações em outros lugares, a carta analisada evidenciou constantes, como vimos no ritual de abertura e no de fechamento, mas também ocorrências caracterizadas como ocasionais, como identificamos no corpo argumentativo e no P.S (*post scriptum*). Trata-se, esse último, de um momento em que novamente o autor da carta é motivado por alguma questão de ordem imediata e volta a interagir.

As observações nos levaram, ademais, à compreensão de que os textos são organizados em partes, planejados e replanejados, reconstruídos. Esses planos revelam ao escritor/falante e ao leitor/ouvinte a necessidade de reconhecê-los como pertencentes a um todo, seja uma carta, um poema, um editorial, entre outros. Por fim, é relevante salientar, como explica Adam (2008), que a percepção de um texto como um todo configurado implica o reconhecimento de uma unidade semântica, a qual ele denomina temática, e uma unidade ilocucionária, que assegura a coerência pragmática do texto.

## Referências

ADAM, J-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, LuisPasseggi, Eulália. V. L. F. Leurquin. São Paulo: Cortez, 2011.

ALLAN, G. *Friendship: developing a sociological perspective*. Boulder/San Francisco: WestviewPress, 1989.

ALLWOOD, J. *Linguistic communication as action and cooperation, a study in pragmatics*. Tese de doutorado. Universidade de Goeteborg: Goetborg, 1976.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. In: DIONÍSIO, A. HOFFNAGEL, J. C. (orgs.), São Paulo: Cortez, 2005.

BRANDÃO, H. N.; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. Cartas da administração privada pública e cartas particulares: estudo da organização discursiva. In: VANDERCI, A. (org). *Para a história do português brasileiro*. Vol.VII: vozes veredas, voragens. Tomo II. Londrina: EDUEL, 2009, p. 699-737.

CASCUDO, L. da C. ANDRADE, M. de. *Cartas, 1924-1944*. São Paulo: Global, 2010.

EDMONDSON, W. *Spoken discourse: a model for analysis*. London: Longman, 1981.

EGGINS, S; SLADE, D. *Analysing casual conversation*. London: Cassell, 1997.

GOFFMAN, E. *Les rites d'interaction*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1974.

GUMPERZ, J. 1982. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

\_\_\_\_\_; HYMES, Dell. (Eds). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Holt, Reinhart and Winston, 1974.

HENNE, H.; REHBOCK, H. *Einführung die Gesprächsanalyse*. Berlin: de Gruyter, 1982.

HOUSE, J. Opening and closings phases in German and English dialogues. In: *Grazer linguistische studien*, 16, 1982, p.52-82.

HYMES, D. *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

KERBRAT-ORECCHIONI, K. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução: Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

MARCUSHI, L. A. *Perspectivas dos estudos de interação social da lingüística brasileira dos anos 90*. Conferência apresentada na SBPC do Maranhão – UFMA, São Luiz: UFMA, 1998.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PAINE, R. An exploratory analysis of 'middle-class' culture. In: LEYTON, E. (org.), *The Compact: selected dimensions of friendship*. Newfoundland: Memorial University of Newfoundland, 1974.

SILVA, V. L. P. da. Variações tipológicas no gênero textual carta. In. KOCH, I. V; BARROS, K. S. M. de. *Tópicos em linguística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN, 1997, p. 118-124.

SILVA, J. Q. G. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SIMÕES, J. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2007.

\_\_\_\_\_; KEWITZ, V. Tradições discursivas e organização de corpora. In: AGUILERA, V. (org.). *Para a história do português brasileiro*. Vol.VII: vozes veredas, voragens. Tomo II. Londrina: EDUEL, 2009, p. 467-529.

VION, R. *La communication verbale: analyse des interactions*. Paris: Hachete Supérieur, 1992.

Recebido: 13/10/2013

Aprovado: 20/11/2013